

EDUCAÇÃO FÍSICA: NECESSIDADES EDUCATIVAS DO

CANFIELD, Marta de Salles¹

RESUMO

Necessidades educativas do futuro da Educação Física ... para falarmos em futuro é necessário voltarmos ao passado, compreendermos o presente, para que possamos nortear o futuro do fazer pedagógico da Educação Física, nesta virada de século. Nesta caminhada regressa enfoca-se a legislação, a formação profissional, a qualificação dos docentes dos cursos de formação e a produção intelectual, numa ótica onde fica evidente a distância que existe entre os professores formadores e os que atuam nas escolas. Também, não se pode deixar de fazer uma retrospectiva dos objetivos, das características assumidas nas últimas décadas, no Brasil, que não estão distantes de outros países. Assim, pode-se perspectivar uma Educação Física onde o profissional tenha que ter grande competência no seu fazer pedagógico, gostando do que faz, sentindo prazer na relação que estabelece com seus alunos, sentindo-se valorizado e valorizando a Educação Física. Tem que haver a nítida representação de papéis sendo o professor o grande responsável pelo encontro pedagógico, assumindo seu papel de educador, transmitindo a importância do movimento na vida das pessoas para que venham assumir um estilo de vida fisicamente ativo, numa dimensão ampla, contextualizada, conforme os padrões de vida de cada um, nas dinâmicas sociais, psicológicas e antropológicas.

ABSTRACT

At the end of the century to talk about the future it is necessary turn back to past, to understand the present, in order to delineate the future of Pedagogy of Physical Education. This review focus on policies, professional preparation, qualification of the teachers of undergraduate programs, intelectual production. It was evident the difference between teachers of undergraduate programs and those working in secondary schools. And also, was made a review on aims and characteristics assumed in the last decades in Brazil, certainly, not so distinct from the rest of the world. Thus, one can expect a Physical Education where the physical educator are supposed to be competent, to like what they do, to have a good relationship with theirs students, by feeling themselves worthwhile and as consequence their

¹ Prof^ª Dra. UFSM

profession. In the role playing, the teacher is in charge of the pedagogical encounter, assuming his role as an educator, transmitting the importance of the life of individuals, in order to assume a physically active life style. A life style seen as a broad dimension, contextualized according to an individual life standard, considering the social, psychological and anthropological aspects.

Necessidades futuras da Educação Física . . . para falarmos em futuro creio necessário voltarmos ao passado, acompanharmos um pouco do caminho percorrido pela Educação Física, principalmente no Brasil, sua prática pedagógica, a formação dos seus profissionais, para, a partir daí, traçarmos alguns caminhos que venham nortear o seu fazer pedagógico nesta virada de século.

Muitos aspectos desta evolução aconteceram e acontecem em vários países, o que, no meu entender, caracteriza uma Pedagogia do Esporte ao mesmo tempo que descaracteriza uma situação restrita ao contexto brasileiro, fato que acredito ser normal, já que não vivemos isolados, e, eventos científicos permitem-nos trocar experiências, aprendermos, acharmos nossas diferenças para a partir daí identificarmos nossas semelhanças, como tão bem se expressa Graham (1985) ao dizer que nós professores de Educação Física precisamos conversar, trocar experiências, fazermos nossos registros, devendo haver uma unidade filosófica na preparação de professores, evitando assim que venham a demonstrarem comportamentos ambíguos e incertos ao atuarem nas escolas.

Minha caminhada profissional foi marcada (diria até mais, foi dividida) por diferentes atuações: por 15 anos, nas décadas de 70 e 80, como professora de Educação Física de uma escola pública de I e II graus, escola esta que era pobre, com alunos pobres que entendiam as minhas aulas como a única possibilidade que tinham de “livrarem-se” da rotina da classe escolar e de um professor à sua frente “despejando” conteúdos que não lhe eram significativos, na grande maioria das vezes. Depois, foram 12 anos como professora num curso de formação de professores de Educação Física, numa universidade pública. Assim, passei do enfrentar o barro, a chuva fina, o calor escaldante para usar o giz, o acetato, os livros como forma de atrair a atenção dos alunos, já que agora era eu que os prendia, embora num curso de formação, presos a cadeiras, podendo os conteúdos que estavam sendo trabalhados não lhe despertarem o interesse. Três décadas se passaram e eu sempre me questionando sobre o meu papel, o quanto estava contribuindo para a vida do meu aluno, que, afinal, não havia me escolhido para ser seu professor, simplesmente “tinha caído na minha mão”. Estes questionamentos jogaram-me na vida acadêmica, quando tive a oportunidade de compartilhá-los com outros profissionais e traçar minha trajetória profissional.

Esta dupla experiência possibilitou-me ver e viver a Educação Física sob dois diferentes ângulos: o fazer pedagógico com turmas de aproximadamente 40 alunos, com poucos materiais didáticos e espaços físicos precários, e o de ser responsável pela formação profissional do futuro professor, que aconteceu numa universidade que apresenta boas condições de trabalho, ótimas instalações, abundantes recursos pedagógicos, professores qualificados, alunos engajados na construção de seus futuros. Mas, acarretou uma tomada de posição do meu agir pedagógico, em caminhos opostos: do pátio para uma sala, do fazer para o ensinar a como fazer. E isto repercutiu em toda uma postura profissional, pois passei a ver o pátio como algo que está “lá fora” já que agora meu tempo era absorvido em tarefas de ensino, pesquisa e extensão, estes dois últimos praticamente desconhecidos para a grande maioria dos professores dos pátios das escolas. Tani (1996) se manifesta a este sentido, colocando a falta de correspondência que vê existir entre os aspectos acadêmico e profissional, pois o acadêmico acentua diferenças enquanto que no profissional há uma tendência na busca de um referencial consistente para organizar e orientar a prática do profissional. Aqui, acrescentaria um fato ao qual muitos estudiosos tem chamado a atenção, a desvinculação teoria e prática, ao distanciamento que existe das instituições formadoras de profissionais com a sociedade, em grande parte ocasionado pelos profissionais formadores verem sua jornada de trabalho ser consumida em tarefas administrativas, pesquisa, extensão e ensino.

Na maioria dos casos houve e há uma relação direta entre a qualificação do docente, a produção e o preenchimento dos cargos de chefia, já que são os mais qualificados, os doutores, que assumem os cargos maiores das instituições, tendo ainda a tarefa de produzirem conhecimento, orientarem pós-graduandos, muitas vezes deixando de lado a atuação nos cursos de graduação, na formação dos professores. Isto faz com que sua convivência diária aconteça em grupos restritos, que faticamente pode levá-los a distanciarem-se da realidade, não saberem o que acontece “lá fora”, fazendo com que percam, desconheçam o próprio contexto da sua profissão.

E, no decorrer destes quase 30 anos assisti, no Brasil, a prática pedagógica da Educação Física ser implantada, estruturada, solidificada através de leis educacionais brasileiras, que acontece nos diferentes níveis de ensino, ocupando um espaço de 150 minutos semanais, que normalmente são distribuídos em três aulas de 50 minutos. Hoje, por uma nova lei, a nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, vê-se a Educação Física passar de ser uma disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino, para ser facultativa no III Grau e ensino noturno, sendo um componente curricular da Educação Básica, desde que integrada à proposta pedagógica da escola. Este fato, na minha maneira de ver a importância que tem o ensino da Educação Física, foi um retrocesso, pois perdemos espaço, perdemos alunos, consequentemente perdemos oportunidade de termos contato com gerações.

E, não poderia deixar de culpar a nós profissionais da Educação Física por isto, pois penso que não tivemos competência para mostrarmos o quanto somos importantes.

Paralelo a normatização do ensino da Educação Física tornou-se imprescindível a formação de recursos humanos para atendê-la, professores de Educação Física. Infelizmente, ela aconteceu de forma não planejada, desorganizada (Canfield, 1996), ocasionando distorções, o número de cursos triplicou num período de 15 anos (MEC, 1993), acontecendo uma má distribuição geográfica das instituições, assim como diferenças nos perfis dos egressos, já que estes seguiam os anseios dos professores e muito pouco os da sociedade. Nos finais dos anos 70 e nos anos 80 houveram inúmeras discussões, à nível nacional, sobre a necessidade da formação profissional em Educação Física vir a seguir um padrão, uma diretriz nacional, o que resultou na Resolução 003/87/CFE, que estabeleceu áreas de conhecimento, técnico, do homem, filosófico e de sociedade, que deveriam compor os currículos. Em decorrência disto, o que foi visto acontecer foi a falta de professores qualificados em algumas áreas, principalmente as humanas, já que a grande maioria dos professores mestres e doutores que retornavam ao Brasil, de seus estudos de qualificação, vinham dos Estados Unidos da América, onde haviam se dedicado a áreas específicas, quantificáveis, do comportamento humano.

Hoje, no Brasil, encontramos-nos num momento singular, já que existe a aposentadoria especial para professores, mulheres com 25 anos de magistério e homens com 30 anos, independente da idade. Que momento é este? momento de aposentadorias, de renovação. Os professores que agora ingressarem no mercado de trabalho possivelmente terão suas aposentadorias regidas pela nova legislação, que neste ano de 1998 está em fase de votação nos órgãos governamentais brasileiros, quando é previsto de haver idade mínima para aposentadoria. A que isto nos leva? nos leva a refletirmos e vermos a responsabilidade que terão os novos professores, os que agora estão assumindo o mercado de trabalho, já que serão eles que enfrentarão um mundo marcado pela inatividade do tempo livre, pela falta de movimentos, pelas pessoas gradeadas, prisioneiras em suas próprias casas. Já, em 1994, Feingold, fazia uma chamada de atenção para a demasiada importância que estava sendo colocada na prática da atividade física como sendo a grande solução para prevenir, remediar problemas de saúde, e até de mortalidade. Para este autor não se deve desperdiçar este momento, usando-o para mostrar que a Educação Física e a saúde são “verdadeiramente o centro de toda a educação da pessoa, e assim sendo, precisamos estabelecer conexões em nós mesmos, com nossos profissionais, na nossa disciplina, com a sociedade” pois, pensa Feingold, que esta janela da oportunidade está aberta para nós, coisa que poderá não acontecer por muito tempo.

* Nossas crianças estão com as oportunidades de movimento restritas, não há espaço para brincarem, existem poucas praças, moram em apartamentos, seus

dias são repletos de responsabilidades. Nossos adultos passam grande parte do dia no trabalho ou para ele se deslocando, se cercando de todo o conforto possível, conforto este que na grande parte das vezes traz consigo uma inércia, um comodismo, que contribui para aumentar a inatividade motora.

E, perante este quadro, está a Educação Física, disciplina sublime do currículo escolar que possibilita trabalharmos com a criança, o jovem, o adulto, o idoso, o portador de deficiências, o gordo, o magro, no seu todo, colaborando no seu desenvolvimento, considerando o seu cotidiano.

Necessidades da Educação Física no futuro, futuro este, ancorado no presente e no passado, pois acredito que não precisa-se do marco do novo milênio para vir a acontecer. Assim como fiz um retrospecto sob os ângulos da formação profissional e da prática pedagógica, seguirei este caminho em direção ao futuro que entendo ser necessário.

A formação de professores tem que acontecer em contato direto com a sociedade, já que é nela que irão atuar. Não se pode conceber professores formadores que não conheçam a sociedade para a qual estão preparando profissionais para atuarem, pois isto levaria a uma formação “artificial”, feita numa realidade espetacular, com todos os recursos possíveis, exatamente ao contrário do que os egressos irão enfrentar. Os docentes tem que interagirem profissionalmente com a sociedade, de forma que possam vir a estabelecerem elos futuros para seus alunos. Os programas de formação de professores de Educação Física, para Paré (1997), tem que darem aos futuros professores oportunidades de desenvolverem suas próprias habilidades para fazerem com que desenvolvam uma forma ativa de vida dentro de suas comunidades, acontecendo pelo grupo engajado num objetivo comum, com base em ações pedagógicas, persistindo uma abertura de possibilidades as “novas avenidas da educação”. Cheffers (1997) ao verificar um afastamento da Educação Física dos elementos centrais da educação em detrimento da busca de altos índices desportivos que fossem detectáveis por testes padronizados, defende uma proposta curricular da Educação Física para o Séc. XXI alicerçando-a em cinco centros de organização, dos quais salienta serem de grande importância os jogos, o vínculo interdisciplinar e as atividades extra-classe.

As pesquisas tem que avançarem do simples quantificar para irem buscar os “porquês”, saber o que representamos, o que somos para as pessoas. Este fato foi sentido por DaCosta (1997) ao realizar uma análise das abordagens dos resumos dos trabalhos de pesquisa apresentados nos Congressos da AIESEP de 1994, 1995 e 1997 quando verificou que a ênfase estava na mensuração de fenômenos relacionados à Educação Física e não na busca de seus significados, nos sentidos das intervenções, e acredita que se esta situação perdurar haverá um maior prestígio científico, porém deslegitimado pela sociedade, já que os professores estarão interferindo na vida das

pessoas sem darem atenção as suas aspirações e necessidades. Os resultados das pesquisas tem que serem usados para, a partir deles, serem buscadas soluções, pois conforme colocou Metzler (1989) sobre a realidade americana, é que era sabido perfeitamente o que acontecia “in the gym”, então, se a realidade é conhecida, precisa-se é iniciar a fazer algo para mudar a realidade conhecida, implementando estratégias que levem à solução dos problemas sentidos.

A prática pedagógica dos professores, a sua atuação em aula, os relacionamentos que venham a estabelecer devem ser marcados sob dois grandes diferentes prismas: amor e saber.

- Amor ... é o ingrediente principal do fazer pedagógico do professor, pois ele tem que ter amor pela Educação Física, tem que amar seus alunos, pois só assim amará e desfrutará do grandioso momento do encontro pedagógico vindo a contaminar seus alunos neste amor, fazendo com que gostem de sua aula, que vejam significado na sua existência. Se isto acontecer é porque o professor tem consciência da importância da Educação Física, do quanto é importante o movimento nas nossas vidas. Singer (1996) entende que devemos ter escolhido a profissão da Educação Física por uma variedade de razões pessoais, mas que não tem dúvida alguma que em algum momento da nossa vida nós todos gostamos e valorizamos o movimento. Este é também o meu pesamento, pois um jovem ao ingressar no curso de Educação Física gosta e quer praticar atividades físicas, praticar esportes, lutar, dançar, ... O que acontece com este jovem no decorrer de sua vida que passa a ser mais um, como grande parte da população, que se satisfaz com raras oportunidades de realização desta prática? temos que ser os primeiros a cultivar este gostar, vindo a valorizá-lo, mostrarmos sua importância. Almond (1997) também se refere ao gostar, pois acredita que um dos propósitos da atividade física e a promoção da saúde em programas de Educação Física tem que ser o de fazer os alunos “aprenderem a gostar de serem ativos”, vendo a pedagogia como a principal preocupação dos professores e principal prioridade das escolas. Este gostar, dos alunos, foi por nós verificado em duas pesquisas. Uma delas (Canfield e col.,1995) mostrou que entre alunos do I, II e III graus de ensino (n=970) foram encontrado percentuais em torno de 80% de prazer pela participação nas aulas de Educação Física, havendo um leve decréscimo deste gosto à medida que aumentava a escolaridade. O outro trabalho (Canfield,1997) questionou alunos (n=238) do último ano do II Grau sobre a importância e o prazer por eles atribuídos as aulas de Educação Física, quando foi verificado ter esta aula igual importância que as demais disciplinas do currículo escolar para 68% dos alunos, mas a metade dos alunos (51,3%) colocou as aulas de Educação Física entre as três que mais gostam de participarem. Ao serem buscadas as justificativas para estes índices de prazer pelas aulas, foram encontrados principalmente aspectos do fazer pedagógico do professor relativos ao seu empenho, sua responsabilidade, seu

engajamento enquanto professor. Será que os professores dos alunos que não gostam das aulas, gostam de serem professores de Educação Física? Será que sentem orgulho de sua profissão?

O outro ingrediente, o saber ... não é menos importante do que o primeiro, já que o professor precisa conhecer quem é o seu aluno, do que ele precisa, de seus limites, de seus desejos, para que o seu fazer pedagógico seja revestido de importância na vida do aluno, perdurando esta importância em uma necessidade continuada por toda a sua vida. O professor precisa saber do poder da sua aula, da possibilidade que têm de poder proporcionar um ambiente ótimo de aprendizagem para os seus alunos, não só no aspecto motor mas no seu todo, pois lá em 1984, Ojeme já abordava a questão da pouca intelectualização que acreditava acontecer na aula de Educação Física, onde os comportamentos poderiam ser também cognitivos e afetivos, além de motores, cabendo ao professor a tarefa de adotar estratégias que estimulassem a intelectualização das atividades de classe. Carreiro da Costa e Piéron (1997) ao apresentarem um trabalho que estudou o ensino do currículo da Educação Física na Bélgica e em Portugal, colocam dentre os muitos significados que a palavra currículo tem o de ser o guia do ensino, e que o ensino da Educação Física é um processo interpessoal relativo não somente “a promoção do conteúdo, aprendizagem e habilidades específicas, mas também ao desenvolvimento de competências sócio-culturais as quais são essenciais a sociabilização dos alunos”.

Na aula, tem que haver a nítida representação de papéis, conforme o estilo de ensino adotado. O professor não pode jamais abrir mão do seu papel de professor. Para Florence (1985), a aula de Educação Física não pode ser confundida com um grupo de lazer, um clube, um lugar de treinamento preparatório para competições. É um lugar de obrigações (horários, lugares, grupos, matérias, etc), de confrontações (de necessidades e aspirações do adulto com as dos alunos) e diferenças (morfológicas, níveis de aquisição, facilidade de aprendizagem, de receptividade, de motivação, etc.). Para que a aula exista, ela tem que fazer parte de um planejamento maior, o professor tem que ter presente os objetivos propostos, colocar significado nas tarefas, contextualizando-as. Pois, só se assim for, é que os alunos sentirão prazer em estarem e participarem das aulas para que no futuro venham a adotar o hábito da prática da atividade física ao organizarem suas vidas de forma que envolvam-se regularmente na atividade com propósitos preventivos, não só aqueles que afastem os riscos individuais, mas o desenvolvimento e sustentação de infraestruturas atrativas, inclusivas de atividades físicas para todos, de todas as idades, sem esquecer dos seus determinantes sociais (Siedentop, 1996). Porque, se assim não for, poderá estar sendo repetida uma situação passada há 10 anos na Austrália quando foi sentido o crescente e grande interesse pelo enfoque da saúde com base na Educação Física, que levou Kirk (1988) a expor sua preocupação quanto aos objetivos da Educação

Física serem voltados somente para o aspecto da aptidão física, já que a Educação Física nas escolas públicas estava sendo administrada pelos serviços médicos escolares.

Se gostarmos do que fazemos, se conhecermos o que fazemos, possivelmente as pessoas estarão acreditando nas mensagens de importância da prática da atividade física que forem passadas nas nossas aulas, vindo a assumir um estilo de vida que repercutirá na qualidade de suas vidas.

Desta forma, o nosso fazer pedagógico irá além dos muros da escola, acompanhará as pessoas no decorrer de suas vidas, vidas estas que atualmente estão marcadas pela inatividade, pela privação de movimentos, para virem a assumir vidas ativas. Mas, esta relação estabelecida entre o conceito de estilo de vida e a Educação Física não pode ser vista por uma ótica simplista pois, conforme Neto (1997), não deve restringir-se somente à saúde, mas compreendida numa dimensão ampla que englobe os diversos padrões de vida dos cidadãos, o contexto cultural em que vivem e as dinâmicas sociais, psicológicas e antropológicas que o caracterizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANFIELD, M.S. (1996). Planejamento das aulas de Educação Física: é necessário? In M.S.Canfield, **Isto é Educação Física** (Org.). Santa Maria: JTC Editor.
- CANFIELD, M.S. (1997). A Educação Física e as outras disciplinas do currículo: importância e gosto pelas aulas. **Artus - Revista de Educação Física e Desporto**, 13,1,p.174.
- CANFIELD, M.S. e colaboradores. (1995). Os alunos gostam das aulas de Educação Física? In F.M. Pereira (Org.), **Educação Física: textos do XV Simpósio Nacional de Ginástica**. Pelotas: Ed. Universitária.
- CARREIRO da COSTA, F.& PIÉRON, M. (1997). Teaching the curriculum: policy and practice in Portugal and Belgium. **The Curriculum Journal**, 8, 2,summer, 231-247.
- CHEFFERS, J. (1997). O currículo de Educação Física do Século XXI e sua contribuição para a qualidade de vida. **Artus - Revista de Educação Física e Desporto**, 13,1,p.29.
- DaCOSTA, L.P. (1997). Educação Física hoje: o avanço da qualidade de vida e a perda da legitimação social. **Artus - Revista de Educação Física e Desporto**, 13,1,p.38.

- FEINGOLD, R.S. (1994). Making connections: an agenda for the future. **Quest**, 46,356-367.
- FLORENCE, J. (1985). Analyse qualitative de la presentation et du lancement des taches d'EP. **Revue de L'Education Physique**, XX,1,3.
- GRAHAM, G. (1985). Commitment to action: looking at the future through rear view mirrors. In H.A.Hoffman & J.E.Rink (Eds.), **Physical Education Professional Preparation: insights and foresights**. Virginia: AAHPERD.
- KIRK, D (1988). Health based Physical Education - five issues we need to consider. **Physical Education**, 19,3,122-123.
- MEC (1993). **Catálogo Geral de Instituições de Ensino Superior**. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás.
- METZLER, M. (1989). A review of research on time in Sport Pedagogy. **Journal of Teaching in Physical Education**, 8,87-103.
- NETO, C.A.F. (1997). Atividade física e as culturas de vida quotidiana de crianças e jovens. **Artus - Revista de Educação Física e Desporto**, 13,1,p.36.
- OJEME, E. (1984). An analysis of student teaching behavior in selected Physical Education classes in Nigeria. **Journal of Resarch in Curriculum**, 2,1,40-50.
- PARÉ, C. (1997). Formando novos professores de Educação Física para uma nova sociedade: uma questão de saúde pública. **Artus - Revista de Educação Física e Desporto**,13,1,p.32.
- SIEDENTOP, D. (1996). Valuing the physical active life: contemporary and future directions. **Quest**, 48,266-274.
- SINGER, R. (1996). Moving toward the quality of life. **Quest**, 48,246-252.
- TANI, G. (1997). Tendências do pensamento pedagógico da Educação Física brasileira: acordos e conflitos. **Artus Revista de Educação Física e Desporto**, 13,1,p.46.

* Palestra proferida no VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. La Coruña, Espanha, 1998.